

# AS RELAÇÕES FAMILIARES DE USUÁRIOS DE ÁLCOOL: Uma Revisão Bibliográfica

**Rosane Fátima Koch<sup>1</sup>**  
**Daize Pani Manfio<sup>2</sup>**  
**Leila Mariza Hildebrandt<sup>3</sup>**  
**Marines Tambara Leite<sup>4</sup>**

## Resumo:

O objetivo deste estudo é analisar artigos que abordam as relações familiares de usuários de álcool. Como critérios de inclusão, elegeu-se artigos publicados na língua portuguesa no período de 2005 a 2010, disponíveis na íntegra, *online*, com abordagem à temática proposta. Constituiu-se em uma revisão bibliográfica de artigos da área da saúde. Do total de 46 artigos, sete abordaram a temática proposta para sua análise. A análise dos dados seguiu a proposta de análise temática. O alcoolismo resulta de diversos fatores, incluindo problemas vivenciados no meio familiar, o que leva a desestruturação da família e dificuldades na convivência entre seus membros e a sociedade. Os familiares mencionam sobre os diferentes estágios vivenciados pelo alcoolista no período de tratamento apontando que, inicialmente, ocorre negação da doença, após a busca de tentativas de construção de mudanças e, na sequência, a compreensão que necessita de ajuda para que não ocorra a recaída. Conclui-se relação do alcoolista com sua família é na maioria das vezes conturbada, podendo levar a desestruturação da família. Para que ocorra a recuperação do alcoolista faz-se necessário, não só o tratamento individual, mas de sua família, enfatizando a importância da intervenção de uma equipe interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Alcoolismo, Família, Enfermagem; Relações familiares

## THE FAMILY RELATIONS OF ALCOHOL USERS: a literature review

### Abstract:

The objective of this study is to analyze the articles that work up to family relations of alcohol users. As criteria of inclusion, it were chosen articles published in Portuguese language, during the period from 2005 to 2010, available in its fullness, online, with adherence to the proposal thematic. It consists of a bibliographic review of articles in the area of health. From the total of 46 articles, seven approached the proposal thematic to its analysis. The analysis of data followed the proposal of thematic analysis. The alcoholism results from several factors, including problems experienced in the family, which leads to a loss of structure in the family and difficulties in the companionship among its members and society. The family members mention about the different stages lived by the alcoholic in the period of treatment indicating that, initially, it occurs the disease denial, after the search of attempts of construction of changes and, in sequence, the Comprehension that requires the help so that a relapse doesn't take place. We conclude that the relation of the alcoholic and its family is in the majority of times disturbing, sometimes leading to a family loss of structure. So that occurs a recovery of the alcoholic it is necessary, not Just individual treatment, but its family as well, giving emphasis to the importance of the intervention of an interdisciplinary team.

**Keywords:** Alcoholism, Family, Nursing; Family relations.

<sup>1</sup> Acadêmica do 7º semestre, Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM Centro de Educação Superior Norte do RS/CESNORS, rosanefatimak@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do 7º semestre, Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM Centro de Educação Superior Norte do RS/CESNORS, daizepani@hotmail.com

<sup>3</sup> Enfermeira, Mestre em Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul (UFSM/CESNORS). leilahildebrandt@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Enfermeira, Doutora em Gerontologia Biomédica pela PUCRS, Docente da Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação superior Norte do rio Grande do Sul (UFSM/CESNORS). tambaraleite@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O estudo sobre as relações familiares entre a pessoa alcoolista e os demais integrantes do grupo familiar constitui-se em um tema da atualidade e merecedor de atenção, uma vez que se sabe que esta enfermidade modifica o cotidiano da pessoa doente e daquelas que com ela convivem. Além do mais, a prevalência do alcoolismo entre a população é considerável, cujos percentuais apresentados pelo CEBRID (2005), em um levantamento realizado nas 108 maiores cidades do país, aponta que 12,3% da população brasileira entre 12 e 65 anos é dependente de álcool e 74,6 % já consumiram bebida alcoólica pelo menos uma vez na vida, sendo a substância psicoativa mais consumida pela população. Dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2008) mostram o percentual de adultos que consumiram mais de quatro doses de bebida alcoólica em um único dia, por sexo, nas capitais brasileiras, sendo que em Porto Alegre o sexo masculino ficou em torno de 25% e o feminino 7,5%.

Segundo Oliveira; Luis (1996), o diagnóstico de alcoolismo tem sido definido com base em quatro grupos de indicadores: consumo, dependência psicológica, dependência física e problemas relacionados ao álcool. O alcoolismo caracteriza-se por um progressivo aumento do consumo de álcool, quando a ingestão de bebidas alcoólicas é interrompida, de forma completa ou parcial, apresenta sinais e sintomas físico-psíquicos que caracterizam a Síndrome de Abstinência Alcoólica (SAA), de acordo com Sadock; Sadock (2007).

Há diferentes definições para os termos “uso”, “abuso” e “dependência de álcool”. A Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 2008) define “uso” como qualquer consumo, independente da frequência. O “abuso” constitui-se em um consumo em que há consequências adversas recorrentes, porém ainda não pode ser caracterizado como “dependência”. Segundo Souza; Areco; Filho (2005), esta última condição manifesta-se quando o uso de substâncias psicoativas passa a caracterizar um estado disfuncional.

Essa enfermidade se constitui na segunda causa mais comum de internações psiquiátricas e representa 32% dos leitos ocupados em hospitais gerais.

Além disso, o alcoolismo é a quinta razão pela procura de atendimento ambulatorial (MIRANDA et al., 2006). O álcool tem sido apontado como a droga mais consumida ou, pelo menos, experimentada pela população brasileira, pelo fato de ela ser lícita, é facilmente comercializada, o que contribui para o seu elevado consumo e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do alcoolismo.

Os fatores predisponentes para o abuso de álcool envolvem a interação de vários elementos, entre eles: fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. A ocorrência do alcoolismo é de 50% em parentes de primeiro grau de alcoolistas. Filhos de alcoolistas do sexo masculino possuem uma predisposição quatro vezes maior de abuso de álcool, comparado a filhos de pais não alcoolistas, independente de terem sido criados pelos pais biológicos. Certos traços de personalidade como a impulsividade, conceito do eu negativo, ego frágil, baixa conformidade social, neuroticismo, introversão tem uma importante participação no início e na manutenção da dependência (TONWSEND, 2002; SOUZA, ARECO e FILHO, 2005).

O consumo de álcool tem sido apontado como um fator de risco para diversas doenças e agravos a saúde. Da mesma forma, o álcool tem sido assinalado como responsável pelo aumento no número de problemas vinculados a acidentes de trânsito, sexo desprotegido, situações de violência entre outras (BRASIL, 2009).

O alcoolismo compromete várias esferas da vida do sujeito, tanto a biológica como a social, econômica, profissional e familiar, cujo tratamento requer a inserção em processos profiláticos e terapêuticos de grande amplitude, conforme mencionam Oliveira; Luis (1996). Os familiares de alcoolistas sofrem com as conseqüências do uso crônico de álcool por um dos sujeitos do grupo familiar, pelo fato de, por vezes, terem dificuldade em entender o alcoolista, as razões do consumo dessa substância e a sua conduta, modificando as suas relações (RODRIGUES, AMESTOY e BRAZIL, 2006).

Sendo assim, entende-se que estudos que abordem as questões relativas às relações do alcoolista e sua família são relevantes, pois poderão contribuir

no sentido de oferecer subsídios as equipes de saúde para qualificar a atenção a esse contingente populacional.

## OBJETIVO

Analisar os artigos publicados na língua portuguesa, no período de 2005 a 2010, disponíveis *online* que abordam as relações familiares de usuários de álcool.

## METODOLOGIA

Este estudo constitui-se em uma revisão bibliográfica que, segundo Marconi; Lakatos (2007), está baseada em materiais já elaborados principalmente de livros e artigos científicos. É a exploração de novas áreas em que a problemática não foi estudada de maneira satisfatória, com o propósito de apresentar informações ligadas ao estudo e suas conclusões mais importantes. Conforme os autores, sua principal vantagem consiste em uma investigação mais ampla, não a considerando uma mera repetição de estudos anteriores, propiciando uma nova análise e abordagem, chegando a conclusões inovadoras. Estudos relacionados ao tema não devem ser omitidos, assim como estudos não relacionados com o assunto devem ser excluídos.

Foram realizadas revisões das publicações na área da saúde, encontradas na Biblioteca Virtual Bireme, disponíveis no *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* e na Base de Dados de Enfermagem (BDENF). Teve como critério de inclusão, ser artigo redigido em português, ser publicado no período de 2005 a 2010, estar disponível na íntegra, estar *online* e abordar as relações familiares de usuários de álcool.

Na identificação dos artigos foram utilizados os descritores *alcoolismo e família, alcoolismo na família, dependência álcool*. Foram encontrados 46 artigos relacionados ao alcoolismo. Todos os resumos dos artigos foram lidos. Do total dos artigos, somente seis abordaram a temática proposta para a análise.

Para a análise das informações obtidas junto aos artigos selecionados utilizou-se a análise temática proposta por Minayo (2007). Segundo a autora, os passos a serem seguidos são: ordenação dos dados, classificação dos dados e análise final. Na interpretação dos dados, realizou-se a discussão dos resultados encontrados confrontados entre os estudos, realçando os pontos importantes.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir da leitura dos seis artigos selecionados, que tratam acerca das relações familiares do alcoolista, far-se-á inicialmente uma descrição dos mesmos e a seguir a análise de seus conteúdos. Para descrevê-los, se terá por base a tabela abaixo que mostra aspectos relativos aos autores, tipo de periódico, local da realização do estudo, os objetivos, os métodos utilizados para as pesquisas e seus principais resultados.

Os dados serão apresentados abaixo e discutidos em duas temáticas de análise.

### *Tema I – As relações familiares do sujeito alcoolista*

O alcoolismo é considerado uma doença de natureza complexa. O álcool atua como fator determinante sobre causas psicossomáticas preexistentes no indivíduo e para cujo tratamento faz-se necessário recorrer a processos profiláticos e terapêuticos de grande amplitude (SOUZA; ARECO; FILHO, 2005). A dependência do álcool atinge toda a rede social na qual o alcoolista está inserido. A ocorrência dessa enfermidade é influenciada por diversos fatores, dentre eles os familiares, os culturais e a predisposição genética, conforme apontam Rodrigues; Amestoy; Brazil, (2006). No mesmo sentido, Santos; Veloso (2008) afirmam que os fatores que podem levar ao alcoolismo são diversos, como os de ordem biológica, psicológica e social, sabendo-se que, ainda, pode haver a influência deles de forma conjunta.

TABELA 1: Classificação dos artigos selecionados segundo título, periódico, local da realização do estudo, autores, objetivos, método utilizado e resultados, 2011.

Título	Periódico	Autores	Local da Realização do estudo	Objetivo (s)	Método Utilizado	Resultados
1- O impacto negativo dos transtornos do uso e abuso do álcool na convivência familiar	Rev. Eletr. Enf. v. 8, n. 2, p. 222-32, 2006	Francisco Arnoldo Nunes de Miranda, et al.	Admissão de um serviço público de urgência psiquiátrica do Município de Natal/RN integrante ao SUS	Avaliar o impacto negativo na convivência familiar relacionado aos transtornos de uso e abuso de álcool.	Pesquisa de campo com abordagem qualitativa.	Dificuldade de aceitação na condição de pessoa doente. Necessidade de ações educativas aos portadores e familiares a cerca da doença.
2 – Compreendendo o alcoolismo na família.	Escola Ana Nery, v. 10, n. 4, p. 660-670, 2006.	Carmen Lucia Alves Filizola, et al.	Unidade de Saúde da Família, cinco famílias de usuários de álcool.	Identificar a estrutura, as relações, a rede de suporte e a vivência de familiares diante do alcoolismo.	Entrevista semi-estruturada, através do Modelo Calgary de Avaliação da Família.	O maior problema é o pouco conhecimento da família sobre o tema. Família sobre violência do alcoolista, tornando-se uma dificuldade de convivência tanto familiar como social.
3 – Consulta de Enfermagem a pacientes em um programa de assistência ao alcoolismo.	Jornal Bras. Psiqu. v. 55, n. 4, p. 280-287, 2006.	Mariana Lorencetti Fornazier; Marluce Miguel de Siqueira.	PAA/ HUCAM/ UFES.	Descrever e avaliar as atividades desenvolvidas pela enfermagem na consulta dirigida a alcoolista.	Análise qualitativa, através da estatística descritiva e qualitativa.	Necessidade de apoio a família do alcoolista na fase de recuperação, sendo assim maior a adesão ao tratamento.
4 – Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa.	Rev. Sal. Publ. v. 39, n. 5, p. 816-823, 2005.	Maria do Perpétuo S. S. Nóbrega; Elionora M. Oliveira.	Ambulatório especializado no tratamento e pesquisa de álcool, com 13 mulheres.	Conhecer a história de vida da mulher usuária de álcool, inserido em tratamento especializado para dependência química, auto-referida	Pesquisa qualitativa	Seis categorias: 1) Trabalho e lazer antes do uso e a dependência 2) Perda do controle sobre a bebida e o surgimento de comprometimentos clínicos, sociais e familiares; 3) Percepção dos prejuízos e a busca de tratamento 4) Necessidade de voltar a acreditar em si mesma; 5) Acolhimento e respeito ao tratamento especializado e; 6) (Re)aprendendo a viver: lidando com a dependência
5- Alcoolismo e família: a vivência de mulheres participantes do grupo de autoajuda Al-Anon	Jornal Brás. Psiqu. v. 58, n. 3, p. 181-186, 2009.	Carmem Lucia Alves Filizola, et al.	Mulheres que frequentam o grupo de autoajuda Al-Anon	Compreender a vivência de familiares que frequentam o grupo de apoio Al-Anon diante da experiência do alcoolismo.	Pesquisa de análise qualitativa	Três categorias: 1) Negando o alcoolismo e sofrendo suas consequências; 2) Buscando ajuda, aprendendo com o grupo; e 3) Esperando a cura, experimentando a sobriedade e enfrentando as recaídas
6 – Alcoolismo: representações sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares	Interface – comunicações, saúde, educação. v. 12, n. 16, p.619-634, 2008.	Muriella Sisa Dantas Santos; Thelma Maria Grisi Veloso	Alcoolistas em tratamento no Centro de Recuperação Fazenda do Sol, Campina Grande/PB,	comparar as representações sociais sobre o alcoolismo em tratamento no Centro de Recuperação Fazenda do Sol, Campina Grande/PB	Pesquisa qualitativa	Representaram o alcoolismo como uma doença e, para recuperar-se dela, o indivíduo necessita de ajuda. A maioria dos entrevistados atribui a dependência a problemas vividos na família e às amizades.

Entretanto, devido ao preconceito social, o alcoolismo, muitas vezes, é caracterizado como uma fraqueza de caráter e malandragem, não sendo compreendido como uma doença (RODRIGUES, AMESTOY, BRAZIL, 2006). Nesse processo, nem familiares, nem usuários de álcool reconhecem o seu uso abusivo, negando o alcoolismo com uma doença (FILIZOLA, et al, 2006).

Desde a infância os efeitos de modelagem, imitação e identificação podem ser observadas no uso de substâncias psicoativas. Souza; Areco; Filho (2005) revelam, em seu estudo, as possíveis causas para o desenvolvimento do alcoolismo em adolescentes e, além das citadas acima, elencam o gênero masculino, a idade, relações com a família, religião e as horas de trabalho. Por outro lado, ressalta-se que as mulheres também fazem uso abusivo de bebidas alcoólicas e isso, por vezes, é pouco percebido pela sociedade. Nobrega; Oliveira (2005) apontam que as mulheres vivenciam vergonha e preconceito em relação ao uso de álcool, podendo haver dificuldades em diagnosticar o alcoolismo em pessoas do sexo feminino. Conforme os autores, com frequência, as mulheres usuárias de álcool atribuem o seu uso a eventos internos, diferente dos homens, que imputam a acontecimentos relacionados a situações externas, como o trabalho. Há um discreto aumento da prevalência de consumo de bebidas alcoólicas entre os indivíduos do sexo masculino segundo, Fornazier; Siqueira (2006). O 1º Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil indica uma prevalência do uso do álcool na vida de 68,7% sendo ela maior para o sexo masculino (17,1%) do que para o feminino (5,7%) (FILIZOLA, et al, 2006).

Segundo Nobrega; Oliveira (2005), a mulher alcoolista, quando busca ajuda, tem uma maior probabilidade de recuperação à medida que percebe a gravidade da doença, porém poucas aparecem acompanhadas por familiares nesse momento, além de solicitar para que os mesmos não saibam desta procura por tratamento.

Em estudo realizado em Cuiabá com adolescentes estudantes trabalhadores e não-trabalhadores, Souza; Areco; Filho (2005) encontraram uma maior

prevalência do alcoolismo em adolescentes do sexo feminino, este achado pode ser decorrente das conquistas femininas nas últimas décadas. Os autores identificaram um início precoce de uso de álcool na idade entre 10 e 12 anos. Em seu estudo com usuários de álcool, Mazuca; Sardinha (2000) identificaram que o período de início do uso do álcool foi mais especificamente na adolescência.

Em pesquisa realizada por Santos; Veloso (2008), quando entrevistaram familiares e alcoolistas, identificaram que os problemas vividos no meio familiar e as amizades foram os principais motivos para o desenvolvimento do alcoolismo de um dos integrantes do grupo familiar. Os autores, ainda, verificaram que o desemprego também contribuiu para o surgimento dessa patologia.

Rodrigues; Amestoy; Brazil (2006) quando se reportam à família, mencionam que, para alguns familiares, o alcoolismo é compreendido como destruição, com repercussões no grupo familiar, no casamento e no emprego e, conseqüentemente, gerando perdas. É a partir da tomada de consciência dessa conjuntura, que os alcoolistas se dão conta de que estão “dominados pelo álcool” e que precisam de ajuda para a sua recuperação, como mostram os autores supracitados. Para os familiares que participaram do estudo de Santos; Veloso (2008), o alcoolismo é visto como uma situação que provoca a infelicidade da pessoa e do grupo familiar. Sendo assim, o alcoolista não destrói somente a sua própria vida, mas também a relação familiar. Conforme Rodrigues; Amestoy; Brazil (2006), para os alcoolistas, as pessoas ao seu redor não conseguem compreendê-los, buscando apenas prejudicá-los, porém nesta fase o alcoolista não possui mais a capacidade de perceber o quanto está ferindo os sentimentos alheios.

Ainda, o sujeito alcoolista pode apresentar comportamentos agressivos produzindo dificuldades na convivência e no manejo, por parte da família (MIRANDA et al., 2006). Para Filizola et al, (2009), o alcoolista acarreta sérias repercussões sobre os filhos como dificuldades na fala, de aprendizagem e relacionamento. Essas repercussões também são vistas na fase da adolescência. No intuito de contri-

buir, Souza; Areco; Filho (2005) fazem referência que o consumo de álcool e alcoolismo foi encontrado em maiores proporções em adolescentes com histórico de alcoolismo na família, outro fator contribuinte é não residir juntamente com os pais.

Dentre os problemas enfrentados pelos familiares de usuários de álcool, Filizola et al. (2009) destacam que a família inicialmente busca justificativas para as conflitos vivenciados, negando o alcoolismo de um de seus membros. Após começam a vivenciar as brigas e agressões, fragilizando os vínculos afetivos, neste processo o alcoolista vai perdendo o respeito de seus familiares e da sociedade. Nesse contexto, a família também sofre este impacto perante a sociedade por apoiar o membro doente.

De acordo com Filizola et al. (2009), em seu estudo sobre vivência de mulheres participantes do grupo de auto-ajuda Al-Anon, os familiares caracterizaram a concepção do alcoolismo e suas consequências para a família em três categorias. Um delas trata sobre a negação do alcoolismo e suas implicações mencionando que, no começo, a família entende o uso do álcool como uma forma de interação social, negando que seja resultado de conflitos vividos no lar. Com o passar do tempo, o alcoolismo provoca transformações na vivência familiar, passando a fragilizar os seus vínculos decorrentes de brigas e agressões. Essa situação usualmente resulta em perda do respeito e adoecimento de toda a família, levando-a ao isolamento social a fim de evitar constrangimentos. Outro tema abordado pelos autores está relacionado à busca de auxílio em grupos de auto-ajuda com vista a aprender acerca da doença denominada alcoolismo e entendê-la como crônica e sobre a abordagem ao indivíduo doente, reconhecendo a importância da mudança de suas atitudes frente ao alcoolismo. Além disso, os autores identificaram que havia, nos familiares, uma expectativa pela cura e sobriedade, contudo existia o enfrentamento de recaídas. Ao mesmo tempo em que ocorriam as transformações na vivência familiar, a família mantinha viva a esperança de cura, experimentando a sobriedade, reinsertando o alcoolista na dinâmica familiar, sabendo do risco de recaída e de seu sofrimento.

Em seu estudo Fornazier; Siqueira (2006) verificaram que, entre os alcoolistas, 61,1% tinham o apoio familiar, 11,6% apoio de amigos e 3,5% do empregador e 5,5% não tinham apoio, dados que representam um papel fundamental na adesão do tratamento bem como uma recuperação mais rápida. Nesse cenário, ressalta-se a importância da família como protagonista do processo de tratamento, ou seja, ela deve ser co-participante até porque ela também adocece. Miranda et al. (2006) dizem que a família não deve ser considerada apenas como um sistema desequilibrado em que o alcoolista reflete o adoecimento da mesma, mas valorizá-la como um elemento capaz de colaborar na resolução de situações/problemas, como o alcoolismo de um de seus integrantes. De acordo com os autores, pela proximidade e convivência, a família tem melhores condições para acompanhar os processos de saúde e de doença de um de seus integrantes. A partir da experiência e convivência com o sujeito alcoolista e seus comportamentos advindos do uso abusivo do álcool, a família proporciona e aprende a oferecer cuidado a ele, de acordo com suas demandas. A oferta de orientações à família é fundamental, pois pode se tornar um elemento importante na prevenção de recaídas da pessoa alcoolista, como assinalam Rodrigues; Amestoy; Brazil (2006).

Os profissionais de saúde nesse sentido devem assistir o alcoolista e seus familiares, de uma forma tanto individual com grupal, auxiliando nas quebras de crenças, preconceitos vivenciados, aceitação do problema, tendo assim o desenvolvimento de um plano terapêutico para cada caso, baseado em intervenções educativas e aconselhamento, conforme Fornazier; Siqueira (2006). Isso se justifica pois, conforme os artigos analisados, o alcoolismo de um integrante do grupo familiar modifica a dinâmica da família, podendo ocorrer disrupções que provocam sofrimentos a todos os envolvidos.

O alcoolismo está inserido na sociedade de uma forma intensa, desde a infância as pessoas já vêm sofrendo modelagem. Além disso, as mulheres estão fazendo maior uso de bebidas alcoólicas devido as suas conquistas na sociedade. Os principais motivos que levam ao uso de álcool são os conflitos familiares e a influência de amigos. O alcoolismo é

entendido como algo que promove a disrupção do grupo familiar e a sua infelicidade. O usuário de álcool perde o respeito perante a família e a sociedade, efeitos também sofridos pela família. A família inicialmente nega o alcoolismo, após aprende a lidar novamente com a sobriedade e as recaídas

## *Tema II – O cuidado ofertado à família de alcoolistas: a participação dos diferentes atores*

Para Filizola et al. (2006), a família e seus descendente sofrem os efeitos negativos do alcoolismo, um membro da família alcoolista afeta cerca de cinco a seis pessoas no seu ambiente familiar. Reforça-se que não só o alcoolista adoece, mas toda a sua família, por isso os dois precisam de ajuda. Sabe-se que o álcool geralmente é considerado, inicialmente, como um agente produtor de sociabilidade, o que pode ser visto como elemento positivo. Por outro lado, o consumo de bebidas alcoólicas, para uma parcela da população, pode se tornar um causador de dissociação, de rupturas no campo das relações sociais, na família e no trabalho (SANTOS; VELÔSO, 2008).

Alcoolismo é uma das enfermidades mais comuns na humanidade, pois em todos os povos, independentes da etnia, religião, gênero ou condição social, o consumo de substâncias alcoólicas é um hábito ou um estilo presente na convivência humana em diferentes momentos do seu acontecer. O uso do álcool é carregado de simbolismo cultural, já que comumente está associado a rituais religiosos, comemorações e confraternizações em geral (MIRANDA et al., 2006). Em seu estudo, Santos; Velôso (2008) salientam que o alcoolismo foi representado como uma doença associada à tristeza/solidão, a algo incurável e grave, em que o indivíduo necessita de ajuda para recuperar-se.

No contexto do alcoolismo, a família por vezes encontra-se desestruturada e exausta, perdendo a confiança no familiar doente, provocando conflitos em seu convívio (RODRIGUES; AMESTOY; BRAZIL, 2006), necessitando de apoio social que envolve objetos sociais (pessoas), funções (atividades dessas pessoas) e situações (conjuntura) ofere-

cendo uma base instrumental e emocional. Pode-se destacar as redes de saúde e sociais, instituições civis, associações de familiares, centros comunitários, grupos de cultura, educação, lazer e esporte. Esses têm como finalidade o aumento da auto-estima, criatividade, independência, autonomia e da socialização, encontrados também em Centro de Atenção Psicossocial: álcool e drogas (CAPS ad) como importantes fontes de apoio à família (NOBREGA; OLIVEIRA, 2005). O apoio em centros especializados é visto como significativo para o alcoolista quando ele percebe as perdas acumuladas durante o tempo de uso do álcool e que estas são controladas quando interrompe o uso do álcool (SANTOS; VELÔSO, 2008).

Veloso; Monteiro (2011) reafirmam o exposto acima e asseveram que o álcool acarreta muitas repercussões na vida dos familiares do alcoolista, comprometendo a sua autonomia, individualidade, relações e a sua saúde. Em seu estudo Fornazier; Siqueira (2006) encontraram que, quando a família apóia o alcoolista na sua recuperação, a adesão ao tratamento é maior, pois esse sujeito encontra na família a ajuda necessária para a superação dos obstáculos. A família possui importante papel no tratamento do membro alcoolista, abordada conjuntamente, em que é realizado um trabalho baseado na educação/prevenção, sendo esta uma das diretrizes no atendimento realizado em CAPS ad. A atenção prestada aos usuários alcoólicos depende de suas necessidades e recursos disponíveis, podendo ser em serviços especializados como no CAPS ad ou em unidades básicas de saúde, hospital geral e grupo de apoio (FILIZOLA et al., 2006).

A família do alcoolista vai em busca de apoio social para amparar a si e ao próprio sujeito doente, reconhecendo a necessidade de cuidar de si para poder, então, ajudar seu familiar (FILIZOLA et al., 2006). Neste conviver com o alcoolismo, a família frequentemente descobre-se em um estado de abandono, se vê sozinha na guerra do dia-a-dia com o alcoolismo, sente falta da convivência e afeto daqueles com quem convive, de acordo com Veloso; Monteiro (2011). Dentro deste contexto, Fornazier; Siqueira (2006) ressaltam a importância de uma equipe interdisciplinar no atendimento do usuário

alcoólico e sua família, em que o enfermeiro tem um papel significativo, possibilitando o planejamento de uma assistência individualizada.

Veloso; Monteiro (2011) ressaltam a importância do olhar e atendimento a família do alcoolista, pois esta não escolheu ter uma pessoa que faz uso excessivo de álcool, este mundo lhes é imposto de forma inesperada. Por isso, ressalva-se a importância do entendimento do alcoolismo em âmbito familiar, auxiliando na quebra de barreiras, possibilitando a elaboração de um plano de assistência individualizado, reformulando o estilo de vida e sua reinserção na sociedade. Sendo assim, a família necessita de um local de apoio, que pode ser encontrado em grupos de auto-ajuda, onde se deparam com pessoas com o mesmo objetivo (FILIZOLA et al., 2006).

Um exemplo da importância da assistência individualizada é a necessidade de um olhar diferenciado para o público feminino, por nesta categoria haver uma menor predominância do alcoolismo do que o masculino, embora, com o passar do tempo, as mulheres estão fazendo maior uso do álcool. Tendo em vista este aspecto, a equipe interdisciplinar deve tratar a família da mulher alcoolista com um olhar distinto da família do homem alcoolista, ressaltando que os motivos para o abuso do álcool são diferentes, conforme pontuam Fornazier; Siqueira (2006).

A literatura adverte que é de suma importância a percepção dos familiares em relação aos diferentes estágios de mudança na busca da interrupção do uso de bebidas alcoólicas. Primeiramente, percebe-se os prejuízos causados e a possibilidade de mudar no estágio de contemplação de mudanças. Após, a busca por tentativas de construção de mudanças. Por fim o estágio de manutenção, com modificação do estilo de vida, trabalhando estratégias para evitar recaída, na perspectiva de manter a abstinência. A recaída pode fazer parte desses estágios, levando o dependente a os percorrer novamente, conforme Nobrega; Oliveira (2005).

É preciso compreender que o alcoolismo produz efeitos sobre a construção das relações sociais e representa fator dissolvente de unidades sociais fundamentais, como a família. Além do mais, perturba o exercício de papéis básicos do indivíduo como o

de trabalhador e cônjuge, sendo também considerada uma “doença da família” (SANTOS; VELÔSO, 2008).

Quando o alcoolista interrompe o uso de álcool, o seu grupo familiar experimenta a sobriedade e ambos percebem que a convivência no lar se modifica. A reinserção do ente alcoolista é decorrente de um processo em que todos fazem parte e que estão expostos a recaídas (FILIZOLA et al., 2006).

Portanto, nesse cenário, a família do alcoolista necessita de tratamento tanto quanto a pessoa usuária de álcool, para que se possa obter êxito e melhores condições de vida a esse estrato populacional. Entretanto, é importante lembrar que o alcoolismo é uma doença crônica e requer vigilância constante por parte de todos.

## CONCLUSÃO

Pessoas psicologicamente desestruturadas ficam mais propensas a abusarem do álcool, para minimizar seus problemas e, por vezes, esquecem o seu papel dentro da família. O uso excessivo do álcool pode trazer vários prejuízos, tanto para a sua saúde como para a convivência com as pessoas ao seu redor. A relação do alcoolista com sua família é, na maioria das vezes, conturbada, podendo levar a desestruturação da família.

O apoio em relação ao tratamento, por parte da família, comumente é diferenciado quando se trata de um alcoolista homem ou mulher, sendo que o homem recebe maior apoio familiar, por esta condição ser considerada normal, porém para a mulher o apoio familiar é menor quanto à adesão ao seu tratamento, por ser julgado anormal a mulher “beber”.

Para que ocorra a recuperação do alcoolista faz-se necessário, não só o tratamento individual, mas também as orientações das modificações fundamentais na vida de todos os que o rodeiam, sendo este realizado pela equipe interdisciplinar, ressaltando a importância de tratar a família juntamente com o alcoolista.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel de indicadores do SUS Nº 4: saúde da família**. V. II, Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel de indicadores do SUS Nº6: promoção da saúde**. V. IV, Brasília, 2009.

CEBRID. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. CARLINI, E. A. et al (supervisão): São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2005

CID-10. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. V. I, Disponível *on line*: <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>, revisado em português por Dr. Jacques Levin, Datassus, 2008.

FILIZOLA, C.L.A.; PERÓN, C.J.; NASCIMENTO, M.M.A.; PAVARINI, S.C.I.; PETRINI FILHO, J.F. Compreendendo o alcoolismo na família. **Revista Escola Anna Nery**, v. 10, n. 4, p. 660-670, 2006

FILIZOLA, C.L.A.; TAGLIAFERRO, P.; ANDREADE, A.S.; PAVARINI, S.C.I.; FERREIRA, N.M.L.A. Alcoolismo e família: a vivência de mulheres participante do grupo de autoajuda AI-Anon. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 58, n 3, p. 181-186, 2009.

FORNAZIER, M.L.; SIQUEIRA, M.M. Consulta de enfermagem a pacientes alcoolistas em um programa de assistência ao alcoolismo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 4, p.280-287, 2006.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 6 Ed, São Paulo: Atlas, 2007.

MIRANDA, F.A.N.; SIMPSON, C.A.; AZEREDO, D.M.; COSTA, S.S. O impacto negativo dos transtornos do uso e abuso do álcool na convivência familiar. **Revista Eletrônica de Enfermagem (on line)**. v. 8, n.6, p. 222-232, 2006

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. **10 Ed. São Paulo: Hucitec, 2007.**

MAZUCA K.P.P.; SARDINHA, L.S. **Dependência do álcool: a importância da família no tratamento e na prevenção da recaída**. Boletim de Iniciação Científica em Psicologia. **v.1, n.1, p.23-31, 2000.**

NÓBREGA, M.P.; OLIVEIRA, E.M. Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 5, p. 816-823, 2005.

OLIVEIRA, E.R.; LUIS, M.A.V. Distúrbios relacionados ao álcool em um setor de urgências psiquiátricas. Ribeirão Preto, Brasil (1988-1990). **Cad. Saúde Pública**, v.12, n.2, p. 171-179, 1996.

RODRIGUES, P.F.; AMESTOY, S.C.; BRAZIL, C.M. O papel da família no tratamento do alcoolismo: a visão do paciente. Ijuí, **Revista contexto & saúde**, v.6, n.11, jul./dez, p. 55-62, 2006.

SADOCK B.J.; SADOCK V.A. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, M.S.D.; VELÔSO, T.M.G. Alcoolismo: representação sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação** (Botucatu), v. 12, n. 26, p. 619-634, 2008.

SOUZA, D.P.O.; ARECO, K.N.; FILHO, D.X.S. Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 4, p. 585-592, 2005.

TOWNSEND, M. C. **Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

VELOSO, L.U.P.V.; MONTEIRO, C.F.S. **A família frente ao alcoolismo: um estudo fenomenológico**. Anais do 13º CBCENF. 2011. Disponível em: <http://189.75.118.67/CBCENF/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/I15744.E8.T4298.D4AP.pdf>. Acesso em: 31 maio 2011.

